



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CAMPUS ARARANGUÁ  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE MEDICINA

Marcos Alexandre Malheiros Sales (20205807)

Valter dos Santos (19203643)

**Tecendo Saberes:** autoetnografia sobre o uso da Fuvá na saúde e cultura dos indígenas Kaingang no norte do Rio Grande do Sul

Araranguá

2024

Marcos Alexandre Malheiros Sales (20205807)

Valter dos Santos (19203643)

**Tecendo Saberes:** autoetnografia sobre o uso da Fuvá na saúde e cultura dos indígenas Kaingang no norte do Rio Grande do Sul

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Graduação em Medicina do Campus Araranguá, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Medicina.

Orientador: Prof. Dr. João Matheus Acosta Dallmann

Araranguá

2024

Santos, Válder dos

Tecendo Saberes : autoetnografia sobre o uso da Fuvá na saúde e cultura dos indígenas Kaingang no norte do Rio Grande do Sul / Válder dos Santos, Marcos Alexandre Malheiros Sales ; orientador, João Matheus Acosta Dallmann, 2024.

41 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Araranguá, Graduação em Medicina, Araranguá, 2024.

Inclui referências.

1. Medicina. 2. Saúde coletiva. 3. Saúde indígena. 4. Autoetnografia médica. I. Sales, Marcos Alexandre Malheiros. II. Dallmann, João Matheus Acosta . III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Medicina. IV. Título.

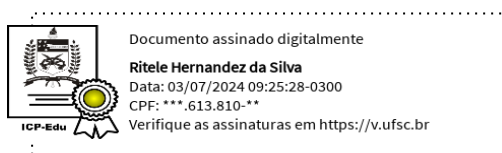
Marcos Alexandre Malheiros Sales

Valter dos Santos

**Tecendo Saberes:** autoetnografia sobre o uso da Fuvá na saúde e cultura dos indígenas  
Kaingang no norte do Rio Grande do Sul

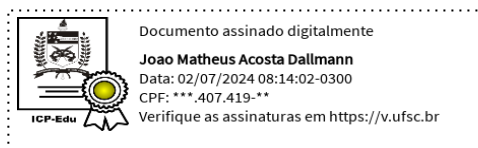
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de  
Bacharel em Medicina e aprovado em sua forma final pelo Curso de Medicina.

Araranguá, 27 de junho de 2024.



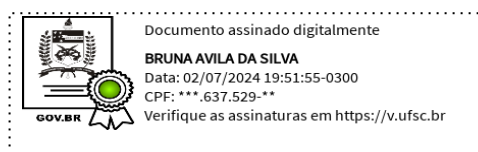
Coordenação do Curso

**Banca examinadora**



Prof. Dr. João Matheus Acosta Dallmann

Orientador



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Bruna Avila da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina



Prof<sup>a</sup>. Me. Jessica Saraiva da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina

Araranguá, 2024.

Aos povos originários, cujas tradições e saberes são preciosos legados para a humanidade. Que possamos valorizar e preservar sua história e contribuições, construindo juntos um mundo mais justo e inclusivo.

## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nosso sincero agradecimento ao orientador Dr. João Matheus Acosta Dallmann, por ter sido incansável em nos estimular a prosseguir com um trabalho de tamanha importância para a luta dos povos indígenas e para a busca pelo reconhecimento desta cultura tão rica e, infelizmente, desvalorizada nos bancos acadêmicos da Medicina.

Obrigado por compartilhar conosco seu tempo, conhecimento e experiência e levantado a voz em prol da justiça e da igualdade, promovendo a conscientização e o respeito pelos direitos dos povos indígenas e pela diversidade racial. Você é uma fonte de inspiração e motivação contínua e sua postura ética e comprometida são exemplos valiosos a serem seguidos.

Em paralelo, eu, Marcos Alexandre Malheiros Sales, gostaria de expressar minha profunda gratidão a uma pessoa que me acompanha há anos, não só nesta jornada acadêmica, como também na vida.

Kauana Dal Zotto dos Santos, obrigado por ser uma fonte constante de inspiração, companheirismo e entusiasmo. Sua dedicação e paixão pelo que faz têm sido uma motivação constante para mim. Você me inspira a continuar persistindo em busca dos meus objetivos e a nunca desistir, mesmo diante dos desafios.

Ainda, eu, Valter dos Santos, gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos à minha família, que sempre me apoiou, especialmente a menina Kaingang, Dandara Keno, que me encorajou em momentos difíceis. À minha esposa, Tatiani Venga, que esteve sempre ao meu lado, dedico muitas partes deste TCC com carinho e gratidão. A Zuri Pengu, que deu cores e vida a este trabalho, meu muito obrigado.

Aos meus alicerces, seu Miranda e dona Ju, todo meu respeito e gratidão. Ao povo Kaingang, de onde pertencço, pela oportunidade de estudo e vivência. Às lideranças indígenas e à educação Kaingang, representadas por Nan Ga, minha eterna gratidão. Aos Kofaz, minhas eternas referências, meu profundo reconhecimento.

Aos troncos ancestrais, líder SÝGRE e avô João Sã, pelas histórias, lutas, ensinamentos e diálogos que tanto enriqueceram este trabalho.

Não há nenhuma diferença entre a importância, o valor, o significado da ciência dos brancos e das ciências indígenas. (BANIWA, Gersom, 2021, IX ENEI)

Esquecer da sua cultura é o mesmo que esquecer sua casa. (S'YGRE, 2019)

## RESUMO

Este estudo se propõe a analisar a interação dos povos originários com o meio ambiente, destacando a importância da cultura indígena para a promoção da saúde coletiva, por meio da visão de dois médicos em formação, sendo um deles integrante da comunidade objeto de referência do trabalho. A pesquisa se concentra no uso das plantas *Solanum americanum* e *Solanum nigrum*, conhecida por Fuvá pela comunidade Kaingang de Iraí/RS, explorando o conhecimento fitoterápico e medicinal dessa planta no contexto da comunidade. Além disso, busca-se promover uma abordagem mais horizontal entre os tratamentos médicos científicos e a preservação da cultura indígena, com o objetivo de embasar futuras políticas públicas e ações que promovam a saúde indígena, respeitando suas tradições culturais. Ao longo do desenvolvimento, serão abordadas as características etnoculturais/etnográficas do povo Kaingang e o impacto da planta mencionada na saúde, na alimentação, na cultura e no ambiente dessa comunidade, especialmente na aldeia de Iraí/RS, mediante uma abordagem qualitativa, utilizando o método exploratório-descritivo.

**Palavras-chave:** Saúde Coletiva; Povos originários; Saúde Indígena; Autoetnografia Médica; Medicinas Tradicionais.



## ABSTRACT

This study aims to analyze the interaction of indigenous peoples with the environment, highlighting the importance of indigenous culture for promoting collective health, through the vision of two doctors in training, one of whom is a member of the community that is the subject of reference for the work. . The research focuses on the use of the plants *Solanum americanum* and *Solanum nigrum*, known as Fuvá by the Kaingang community of Iraí/RS, exploring the herbal and medicinal knowledge of this plant in the context of the community. Furthermore, we seek to promote a more horizontal approach between scientific medical treatments and the preservation of indigenous culture, with the aim of supporting future public policies and actions that promote indigenous health, respecting their cultural traditions. Throughout the development, the ethnocultural/ethnographic characteristics of the Kaingang people and the impact of the mentioned plant on the health, food, culture and environment of this community will be addressed, especially in the village of Iraí/RS, through a qualitative approach, using the exploratory-descriptive method.

**Keywords:** Public Health; Original peoples; Indigenous Health; Medical Autoethnography; Traditional Medicines.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Terra Indígena Kaingang de Iraí/RS .....	16
Figura 2 – Margem do Rio do Mel na Comunidade Indígena .....	17
Figura 3 – Quadro-esquemático do Tripé Planta-Kaingang-Saúde .....	20
Figura 4 – Imagem da Fuvá.....	27
Figura 5 – Tabela comparativa entre soja e fuvá.....	28
Figura 6 – Imagem da folha de Caeté .....	31

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>MÉTODO</b> .....	<b>15</b>
<b>RESULTADOS</b> .....	<b>17</b>
<b>Etnobotânica e saúde: uma autoetnografia Kaingang</b> .....	<b>17</b>
<b>Esquema Planta-Kaingang-Saúde</b> .....	<b>19</b>
<b>Medicina tradicional Kaingang - “kanhgág ag si ta nén hyn-han fã”</b> .....	<b>21</b>
<b>Plantas na medicina tradicional Kaingang</b> .....	<b>23</b>
<b>Elementos de cura na medicina tradicional Kaingang - “kanhgág ag vánhkagta”</b> .....	<b>25</b>
<i>Plantas de cura Kaingang - “Kanhgág ag Vánhkagta ty Vánhkygtãg Fã”</i> .....	<b>25</b>
<b>O impacto da Fuvá na saúde e ecologia humana do povo indígena Kaingang de Iraí/RS</b> .....	<b>26</b>
<b><i>Solanum Americanum</i> como uma planta PANC, seu grau de macronutrientes e sua função farmacológica</b> .....	<b>28</b>
<b>Medicina tradicional e espiritualidade Kaingang - “kanhgág ta nén ũ tãn ki vánhkygtãg”</b> .....	<b>30</b>
<b>Problemática medicamentosa na comunidade local</b> .....	<b>31</b>
<b>DISCUSSÃO</b> .....	<b>33</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>34</b>
<b>CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES</b> .....	<b>36</b>
<b>CONFLITO DE INTERESSES</b> .....	<b>36</b>
<b>FINANCIAMENTO</b> .....	<b>36</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>36</b>
<b>ANEXO A – REGRAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA</b> .....	<b>39</b>

**Tecendo Saberes:** autoetnografia sobre o uso da Fuvá na saúde e cultura dos indígenas Kaingang no norte do Rio Grande do Sul

**Weaving Knowledge:** autoethnography on the use of Fuvá in the health and culture of the Kaingang indigenous people in the north of Rio Grande do Sul

Marcos Alexandre Malheiros Sales<sup>1</sup> | [salesmarcos038@gmail.com](mailto:salesmarcos038@gmail.com)

Valter dos Santos<sup>2</sup> | [v999532615@gmail.com](mailto:v999532615@gmail.com)

João Matheus Acosta Dallmann<sup>3</sup> | [acostadallmann@gmail.com](mailto:acostadallmann@gmail.com)

## RESUMO

**Introdução:** Este estudo se propõe a analisar a interação dos povos originários com o meio ambiente, destacando a importância da cultura indígena para a promoção da saúde coletiva. A pesquisa é conduzida pela visão de dois médicos em formação, sendo um deles integrante da comunidade objeto de referência do trabalho.

**Objetivo:** O objetivo da pesquisa é explorar o conhecimento fitoterápico e medicinal das plantas *Solanum Americanum* e *Solanum Nigrum*, conhecidas como Fuvá pela comunidade Kaingang de Iraí/RS. Além disso, busca-se promover uma abordagem mais horizontal entre os tratamentos médicos científicos e a preservação da cultura indígena, com vistas a embasar futuras políticas públicas e ações que promovam a saúde indígena, respeitando suas tradições culturais.

**Método:** A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, mediante o método exploratório-descritivo. Serão abordadas as características etnoculturais/etnográficas do povo Kaingang, focalizando o impacto da planta *Solanum* na saúde, na alimentação, na cultura e no ambiente da comunidade, especialmente na aldeia de Iraí/RS.

**Resultado:** O estudo concentrará no uso das plantas *Solanum Americanum* e *Solanum Nigrum*, explorando o conhecimento fitoterápico e medicinal dessas plantas no contexto da comunidade Kaingang de Iraí/RS. Espera-se que os resultados promovam uma integração mais harmoniosa entre os tratamentos médicos científicos e as práticas culturais indígenas.

**Conclusão:** A conclusão da pesquisa visa fornecer uma base para futuras políticas públicas e ações que promovam a saúde indígena, respeitando suas tradições culturais. Espera-se que este estudo destaque a importância da cultura indígena para a promoção da saúde coletiva e contribua para uma abordagem mais equilibrada entre a medicina científica e a preservação cultural indígena.

---

<sup>1</sup> Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>3</sup> Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina.

**Palavras-chave:** Saúde Pública; Povos indígenas; Saúde de Populações Indígenas; Antropologia Médica; Medicina Tradicional Indígena.

## **ABSTRACT**

**Introduction:** This study aims to analyze the interaction of indigenous peoples with the environment, highlighting the importance of indigenous culture for promoting collective health. The research is conducted through the vision of two doctors in training, one of whom is a member of the community that is the subject of reference for the work.

**Objective:** The objective of the research is to explore the herbal and medicinal knowledge of the plants *Solanum Americanum* and *Solanum Nigrum*, known as fuvá by the Kaingang community of Iraí/RS. Furthermore, the aim is to promote a more horizontal approach between scientific medical treatments and the preservation of indigenous culture, with a view to supporting future public policies and actions that promote indigenous health, respecting their cultural traditions.

**Method:** The research uses a qualitative approach, using the exploratory-descriptive method. The ethnocultural/ethnographic characteristics of the Kaingang people will be addressed, focusing on the impact of the *Solanum* plant on the health, food, culture and environment of the community, especially in the village of Iraí/RS.

**Result:** The study will focus on the use of the plants *Solanum Americanum* and *Solanum Nigrum*, exploring the herbal and medicinal knowledge of these plants in the context of the Kaingang community of Iraí/RS. The results are expected to promote a more harmonious integration between scientific medical treatments and indigenous cultural practices.

**Conclusion:** The conclusion of the research aims to provide a basis for future public policies and actions that promote indigenous health, respecting their cultural traditions. It is hoped that this study will highlight the importance of indigenous culture for promoting collective health and contribute to a more balanced approach between scientific medicine and indigenous cultural preservation.

**Keywords:** Public Health; Indigenous Peoples; Health of Indigenous Peoples; Anthropology Medical; Medicine Traditional Indigenous Peoples.

## **INTRODUÇÃO**

A análise da evolução histórica da medicina e do tratamento medicamentoso revela que o emprego de plantas medicinais não apenas representou o pioneirismo terapêutico das antigas civilizações, mas também ilustra a busca contínua do ser humano em compreender e aproveitar os recursos naturais para prevenir as aflições associadas à doença.

Conforme a época, o entendimento sobre os tratamentos e aplicações das ervas medicinais variava, sendo por vezes considerado milagroso e em outras vezes rotulado

como "bruxaria", como ocorreu durante a Inquisição. No entanto, é inegável que o conhecimento e a utilização das ervas medicinais contribuíram, em última instância, para o avanço da medicina moderna.

A utilização de plantas no tratamento de doenças no Brasil reflete fortemente as influências das culturas indígenas e africanas. Este estudo apresenta uma análise etnocultural da saúde (Eg Hã) sob a perspectiva Kaingang, destacando a abordagem natural e social que envolve diversos aspectos do ambiente e a interação familiar por meio dos conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais naquilo que iremos destacar como Medicina Tradicional Kaingang.

Iremos narrar um "passado" profundamente enraizado na história da etnia, transmitido ao longo de gerações. Além disso, examinamos como a revitalização da Medicina Tradicional Kaingang tem contribuído para a saúde coletiva dos filhos da mata (Nãn Ga).

Quando discutimos saúde na cosmogonia indígena (Nãn Ga), ela transcende a mera medicalização convencional, incorporando elementos do ambiente como a mata (Nãn), a água (Goy) e o solo (Ga), que são considerados fatores simbióticos do espaço, enraizados em uma espiritualidade intrínseca proporcionada unicamente pelo meio.

Além disso, considerando o contexto cultural do povo indígena Kaingang, onde a saúde é encarada de forma holística, abrangendo aspectos espirituais e materiais, a abordagem proposta busca promover e revitalizar o uso de práticas culturais indígenas nos cuidados com a saúde, com foco especial na planta *Solanum Americanum*, conhecida no idioma Kaingang como Fuvá.

Embora seja frequentemente considerada uma erva daninha na sociedade moderna, o Fuvá destaca-se como uma Planta Alimentícia Não Convencional (PANC), reconhecida por suas inúmeras propriedades curativas e nutricionais. Além disso, está profundamente entrelaçada com os aspectos espirituais, culturais e de cuidado do nosso povo.

O trabalho abrange a análise da identidade do povo Kaingang, suas características etnoculturais numa perspectiva da Ecologia Humana. De maneira específica, examina a relação da planta *Solanum Americanum* (Fuvá) com a saúde e o ambiente desse povo, concentrando-se na aldeia de Iraí/RS. A pesquisa aborda a importância dessa planta no cotidiano da comunidade indígena, destacando seu papel como elemento estrutural na alimentação, seu uso medicinal e a atenção à saúde espiritual.

A Ecologia Humana é um campo interdisciplinar que estuda as interações entre os seres humanos e seu ambiente natural e social. Ele aborda como os seres humanos influenciam e são influenciados pelo ambiente em que vivem, considerando fatores biológicos, sociais, culturais, econômicos e políticos.

Dito isso, este é um trabalho autoetnográfico, baseado nas experiências e narrativas de dois médicos indígenas em formação. A autoetnografia é uma técnica etnográfica que

busca narrar criticamente o lugar do pesquisador na sociedade, uma busca pela construção de memórias sobre um fenômeno tão central na vida em sociedade, a saúde.

Em novembro de 2023, a Pró-reitora de Ações Afirmativas da Universidade Federal de Santa Catarina encaminhou ao Conselho Universitário a Minuta da Resolução Normativa 175, a qual foi aprovada por unanimidade. Assim, a Resolução Normativa de Combate ao Racismo Institucional na UFSC entrou em vigor e um dos seus artigos mais significativos pode ser considerado uma das justificativas importantes deste trabalho. O enfrentamento ao racismo inicia-se na educação, através da promoção de outras perspectivas científicas, garantindo a aplicação da Lei 10.639 de 2003 e da Lei 11.645 de 2014, como formas de assegurar a justiça epistêmica e a diversidade cultural.

Esta medida não apenas reconhece a necessidade de combater o racismo em todas as suas formas, mas também destaca a importância da educação como um meio fundamental para promover uma sociedade com justiça social e igualdade racial.

Nesse contexto, ao refletirmos sobre o tema da saúde Kaingang, percebemos a relevância de incorporar abordagens interculturais e respeitadas das práticas de saúde indígenas às perspectivas de formação profissional médica. A valorização e o reconhecimento dos conhecimentos tradicionais dos povos indígenas não só enriquecem o campo da saúde, mas também contribuem para a promoção do bem-estar e da autonomia dessas comunidades.

Elaborar uma autoetnografia entre dois pesquisadores-estudantes-médicos-indígenas fora um desafio de imersão na própria cultura para trazer ao papel elementos tão caros para nossa oralidade e tradições. Falar disto desde o interior da formação médica requer, portanto, orgulho e coragem, orgulho de nossas origens e coragem frente as barreiras impostas por não indígenas.

O trabalho a seguir convida à imersão nas fontes de saberes da Medicina Tradicional Kaingang. Não apenas a Fuvá, mas a natureza como um todo estão convidadas nesta leitura.

## **MÉTODO**

O presente estudo adotou uma abordagem exploratório-descritiva, integrando pesquisa bibliográfica e de campo. É relevante destacar que ambos os pesquisadores são indígenas, sendo um deles residente na comunidade Kaingang de Iraí/RS. Optou-se pela metodologia etnográfica, utilizando a técnica da autoetnografia, com atenção especial aos aspectos éticos relacionados ao respeito aos anciões, que transmitiram o conhecimento sobre nossas culturas e Medicina Tradicional.

As falas que aqui estão convidadas a participar são palavras de anciões que conhecemos ao longo da caminhada enquanto pessoas indígenas, falas que trazem

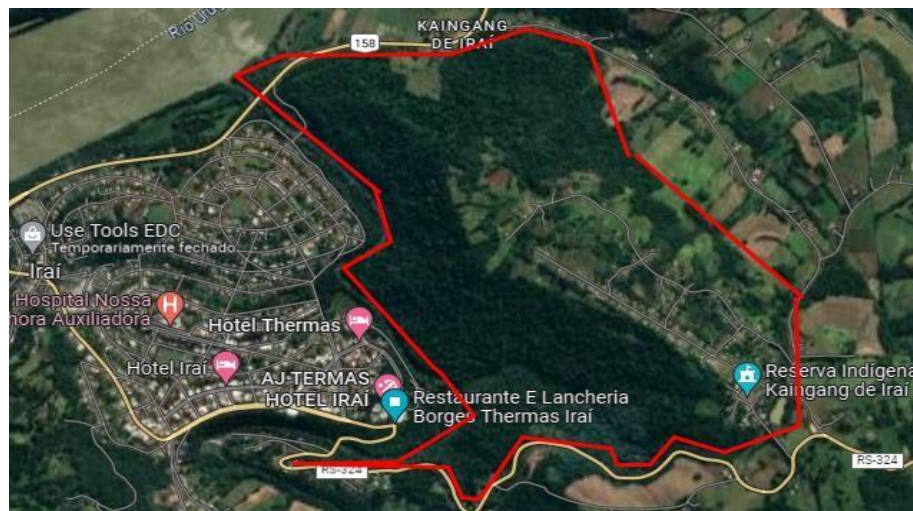
ensinamentos sobre a manipulação das plantas. Nossa pesquisa, portanto, é uma conversa entre saberes indígenas e saberes ocidentais, na busca por uma compreensão mais ampliada dos conceitos de saúde.

Dessa forma, a pesquisa, delineada a partir desse método, engloba não apenas a análise bibliográfica, mas também a participação ativa das anciãs (Kofas), líderes espirituais (Kujas), lideranças indígenas (Poy) e outros membros da comunidade, por meio de entrevistas, diálogos e experiências compartilhadas, com enfoque nas narrativas relacionadas à saúde, especialmente no contexto do estudo da planta Fuvá (em duas espécies *Solanum Americanum* e *Solanum Nigrum*), objeto desta autoetnografia.

Em relação à abordagem metodológica, a pesquisa é de natureza qualitativa, buscando oferecer uma compreensão vivenciada a partir das experiências dos narradores-pesquisadores sobre os fenômenos associados ao uso medicinal das plantas na comunidade indígena Kaingang de Iraí/RS.

O território indígena Kaingang, aqui narrado, tem uma população de aproximadamente 644 indígenas em uma área de 280 hectares, especificamente no município de Iraí, localizada ao norte do estado do Rio Grande do Sul, segundo a FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

**Figura 1.** Mapa da Terra Indígena Kaingang de Iraí/RS.



Fonte: Google Maps (2023)

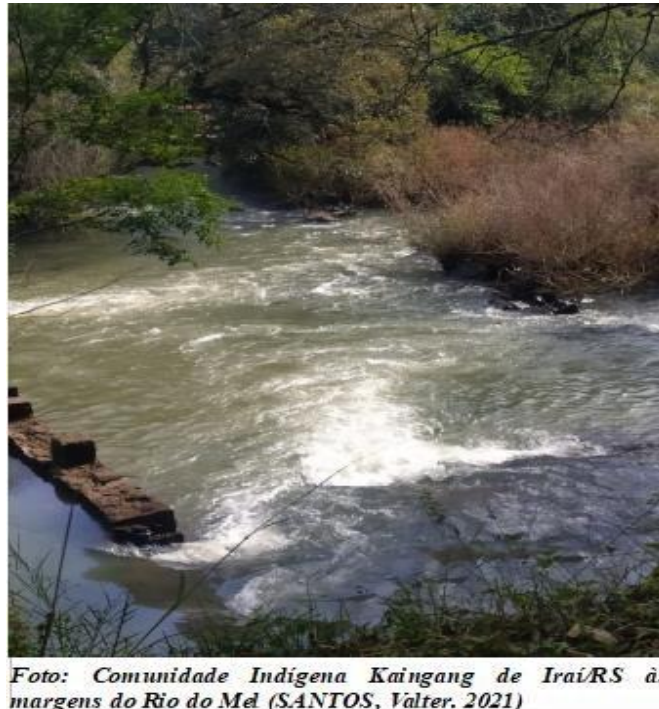
Esses povos originários podem, ainda, ser encontrados nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, tendo vestígios em outros países do sul da América. Além disso, são do tronco linguístico Macro-Jê, falantes da língua materna e preservam seus elementos culturais, mesmo com a modernidade.

O povo indígena Kaingang tem muita habilidade na produção de artesanato, tanto para consumo como para a comercialização e na prática da agricultura orgânica. Os Kaingang sempre estiveram às margens de rios e seu território (Iraí/RS) é banhado por alguns, como



o rio Uruguai, o rio da Várzea e o rio do Mel. Abaixo, demonstra-se tal fato, com as margens do rio que permeia a comunidade indígena Kaingang de Iraí/RS:

**Figura 2.** Margem do Rio do Mel na Comunidade Indígena.



Fonte: Valter dos Santos (2021)

As histórias contadas pelos *Kofa*, os anciões desse povo, explicam que “existia tanto mel nas margens do rio, que ele escorria nas águas” e que a terra ali era um local de muita caça, peixes, água mineral e materiais para artesanato. Além de ser um ambiente onde os indígenas faziam parada em busca de alimentos, era também um posto de descanso e saúde, um local sagrado não só para o corpo, mas também para o espírito.

## RESULTADOS

### Etnobotânica e saúde: uma autoetnografia Kaingang

O estudo propõe a construção de narrativas para revitalizar o uso da Fuvá e de outras plantas medicinais nos cuidados de saúde, com o objetivo específico de transmitir aos jovens a importância das práticas culturais e sua ligação essencial com o bem-estar e a saúde.

Ao explorar as abordagens de cuidados de saúde, o estudo aborda tanto as opções farmacológicas quanto as não farmacológicas, com a intenção de preservar as práticas culturais e fortalecer os aspectos distintivos da comunidade Kaingang de Iraí/RS. Nesse contexto, destaca-se o conhecimento tradicional sobre o uso das plantas *Solanum Americanum* e *Solanum Nigrum*, nominada como Fuvá pelos Kaingang, tanto para fins de saúde, quanto de alimentação, dentro da referida comunidade.

Para alcançar esse objetivo, foi essencial não apenas revisar a literatura sobre o tema, mas também engajar-se em diálogos com diversos setores da comunidade, incluindo líderes, profissionais de saúde, educadores e representantes religiosos. Essas interações permitiram discutir as especificidades da saúde na comunidade e promover o respeito pelos conhecimentos indígenas, seguindo a abordagem centrada no tripé Plantas-Kaingang-Saúde. Destaca-se que a saúde indígena vai além da simples medicalização, abrangendo aspectos culturais, sociais e espirituais.

Nesse contexto, é relevante ressaltar que a etnografia é um estudo observacional realizado pelo próprio membro local da comunidade, visando compreender e descrever um determinado povo, suas características e expressões culturais. Essa é a perspectiva adotada nesta pesquisa, que tem como foco a comunidade indígena Kaingang de Iraí/RS, com especial atenção às diferentes concepções de saúde.

Cada comunidade e suas vivências são únicas, formando uma sociedade culturalmente coesa que percebe a natureza como uma entidade materna, e a água e a floresta como divindades, elementos reverenciados por todos. Como mencionado por Silva (2002), a sociedade Kaingang enfatiza a importância do corpo e sua constante transformação por meio de diversas práticas. A noção de corpo Kaingang abrange uma concepção ampla de pessoa, incluindo uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, propriedades e emoções que a constituem idealmente.

É preciso compreender, ainda, para além da concepção ampla da pessoa e a sua relação direta com a natureza, que a organização social Kaingang se caracteriza e é representada por uma concepção dual do universo, que se complementam entre si e são assimétricas, designadas como Kamé e Kainru<sup>18</sup>, que designam os seres, objetos e fenômenos relacionados ao ser, ao existir, ao território, ao ambiente e a comunidade como um todo:

*Todos os seres, objetos e fenômenos naturais são divididos em duas categorias cosmológicas, uma ligada ao gêmeo ancestral Kamé, e a outra vinculada ao gêmeo ancestral Kainru. Principalmente, as metades são percebidas pelos Kaingang como cosmológicas, estando igualmente ligadas aos gêmeos civilizadores, os quais emprestam seus nomes a elas. [...] Deste modo, manifestados desde uma matriz mitológica Kaingang que cria um campo semântico de oposições a partir da vinculação a um ou outro herói mítico, pares contrastantes marcam este dualismo, cuja abrangência engloba todo o cosmo, incluindo, entre outros, os elementos classificatórios no âmbito da natureza e de sua exploração, as relações entre os homens, a organização social e ritual do espaço, a cultura material, as representações sobre as características físicas, emocionais e psicológicas, as diferenciações de papéis sociais e os padrões gráficos representados em vários suportes. Estes pares opostos caracterizam-se por uma bipolarização contrastante, opositora e complementar, modo como se apresenta o sistema de representações visuais Kaingang<sup>18</sup>.*

Para melhor apreensão dessa dualidade, é preciso trazer à lume que o que desencadeia tal bipolarização é um mito, baseado na crença originária a partir do elemento Terra e que deu origem ao próprio povo Kaingang, sempre entre os gêmeos Kamé (símbolo de força e poder, relacionado ao masculino) e Kairu (símbolo de fragilidade e rapidez, relacionado ao feminino), que representam o sol e a lua, respectivamente:

*As duas metades são representadas graficamente, marcando uma relação com o sol e com a lua. A metade Kamé remete aos raios do sol, registrados por meio de linhas. Já a metade Kairu remete à lua, representada por formas redondas. Vale destacar que a relação entre as metades exogâmicas baseia-se na dualidade e na complementaridade entre elas, ou seja, uma engloba a outra. Os mitos originários Kaingang concebem a metade Kamé como sendo a origem da metade Kairu, isto é, a origem da lua, associada a Kairu. Esses mitos contam que, no início dos tempos, Kamé era um sol que perdeu sua intensidade luminosa inicial para tornar-se o astro da noite. Esses mitos se apoiam numa distinção e numa assimetria (o dualismo Kamé/Kairu), que eles reiteram e enunciam ao mesmo tempo ao situá-los em relação a um originário grau zero da aliança, no qual Kamé engloba seu contrário Kairu. [...] Quanto à relação com o espaço dos Kaingang, a dualidade se manifesta, por exemplo, na marcação dos espaços nos cemitérios, onde Kamé e Kairu são sepultados a leste e a oeste, respectivamente. Divergindo de muitas culturas indígenas, o espaço Kaingang não se orienta pelo círculo, mas pela orientação Leste-Oeste, marcada pela trajetória do sol. As casas, inclusive, são construídas seguindo essa orientação<sup>9</sup>.*

Essa visão do território e do ambiente, que se relacionada à própria existência de cada um dos integrantes da comunidade, é baseada em conhecimentos empíricos transmitidos ao longo das gerações. Existe uma relação intrínseca e extrínseca entre o ser Kaingang e a natureza, onde a saúde é entendida como parte integrante do ambiente. Como resultado, os membros da comunidade cuidam uns dos outros de maneira alimentar, medicinal e espiritualmente.

### **Esquema Planta-Kaingang-Saúde**

Desenvolvemos esse esquema para melhor representar como, a partir de nossas vivências, podemos expressar o que compreendemos dentro de nossa cosmogonia como saúde. A cosmogonia refere-se à visão de mundo de um determinado grupo ou cultura, abrangendo suas crenças, mitos, rituais e entendimentos sobre a origem e a estrutura do universo.

Nesse contexto, nosso esquema Planta-Kaingang-Saúde não apenas reflete nossas experiências e conhecimentos como indígenas, mas também incorpora os ensinamentos transmitidos pelos anciãos e a sabedoria ancestral que permeia nossa comunidade. É uma tentativa de integrar esses elementos em uma compreensão holística da saúde, que valoriza não apenas o bem-estar físico, mas também o equilíbrio espiritual, emocional e social.

O tripé citado revela algumas particularidades do território Kaingang e da própria comunidade, bem como o uso que fazem das plantas medicinais. No entanto, no estudo em questão, a abordagem se concentrará no módulo de plantas, explorando o subtópico relacionado às plantas medicinais e suas particularidades.

Especificamente, iremos nos aprofundar no entendimento e na utilização das plantas *Solanum Americanum* e *Solanum Nigrum*, conhecida na comunidade indígena como Fuvá. Estas não apenas possuem usos medicinais importantes, mas também são valorizadas como alimentos não convencionais (PANCS) dentro da comunidade Kaingang. Ao examinar essas plantas, buscamos compreender não apenas suas propriedades curativas, mas também sua relevância cultural e nutricional para a comunidade.

Considere o quadro esquemático a esse respeito:

**Figura 3.** Quadro-esquemático do Tripé Planta-Kaingang-Saúde.



Fonte: Valter dos Santos (2022)

O quadro-esquemático acima oferece uma compreensão mais profunda dos elementos fundamentais da cultura Kaingang. O tópico Kaingang destaca o ser e suas raízes, exemplificado pelos Kofas, que representam o conhecimento transmitido entre as gerações e o respeito pela terra e suas tradições. O termo Nãn Ga, por sua vez, refere-se aos filhos da mata, da terra, da floresta, representando a profunda conexão espiritual e cultural do povo Kaingang com o ambiente natural.

Além disso, os termos Kamé e Kainru-Kré são as marcas originais das famílias, simbolizando o sol e a lua, respectivamente. Essas marcas são identificadas pelos Kujas, líderes espirituais, em plantas e animais, e carregam uma grande importância e respeito dentro da comunidade Kaingang. Esses elementos são fundamentais para entender a cosmovisão e a identidade cultural desse povo indígena.

No que concerne ao tópico Saúde do quadro-esquemático, é importante destacar a visão da comunidade acerca desse aspecto, que compreende a saúde como uma forma integral de desenvolvimento e manutenção. Isso inclui diversos elementos, como o espaço

local, a mata ciliar e o uso de plantas para artesanato, tanto como fonte de renda quanto de consumo. Nessa perspectiva, a saúde está intrinsecamente ligada aos espaços de vivência e à conexão com o ambiente natural.

Além disso, é fundamental abordar a presença das equipes multidisciplinares no polo da comunidade, que podem oferecer estratégias de educação em saúde e enfrentar as dificuldades correspondentes. Também é necessário considerar as eventuais políticas públicas que poderiam melhorar a dinâmica nas comunidades, sem interferir em sua cultura e autonomia.

Por fim, o tópico Plantas se refere especificamente ao uso de ervas medicinais para o desenvolvimento dos cuidados à saúde dentro da cultura do povo Kaingang. Isso leva em consideração fatores como a paisagem local e o caráter alimentício não convencional, especialmente no que se refere à Fuvá. Essa planta não é apenas valorizada por suas propriedades medicinais, mas também por sua importância na alimentação e na conexão com a natureza dentro da comunidade Kaingang.

### **Medicina tradicional Kaingang - “kanhgág ag si ta nén hyn-han fã”**

A medicina tradicional Kaingang é um sistema de saúde holístico e ancestral. Essa forma de medicina é fundamentada em conhecimentos transmitidos oralmente ao longo de gerações, e está intrinsecamente ligada às crenças, à espiritualidade e à cosmovisão Kaingang.

Na medicina tradicional Kaingang, a saúde é vista como um estado de equilíbrio não apenas físico, mas também espiritual, emocional e social. Acredita-se que as doenças podem ser causadas por desequilíbrios nessas várias dimensões, bem como por influências externas, como energias negativas ou espíritos malignos. O trecho abaixo explica exatamente como o povo Kaingang entende a doença, dentro da dualidade que lhe é própria:

*A doença origina-se fora do mundo social ou, melhor ainda, a doença não tem origem nas relações sociais perturbadas, como em muitas sociedades onde as acusações de feitiçaria são comuns. No entanto, elas também não provêm da natureza. Sua origem está fora da sociedade como igualmente está fora do “mundo natural”. Aliás, é no domínio da natureza que se encontram os poderes para prevenir e curar. Os Kaingang acreditam que as enfermidades e sua consequência derradeira provêm do mundo que existe depois da morte: o numbê, a aldeia dos mortos. As doenças, e sua consequência última – a morte –, têm por causa básica os vein kuprin ou keinbég (espíritos, almas, dos mortos). O vein kuprin de um parente próximo – pai, esposo, avô – apegar-se, por exemplo, ao filho, ou esposa, ou neto, causando enfermidades ao vivo e podendo, no limite, levá-lo à morte. Se o doente não for tratado a tempo pelo Kuiã e seu iangrë, que vai combater o vein kuprin e levá-lo para o numbê, a morte é certa. Se o Kuiã constatar que o vein kuprin é proveniente do oeste, local onde está situado o numbê, não há cura possível para o doente. Ao contrário, se vier do leste, há*

*possibilidade de cura. Muitos tabus rituais eram respeitados com relação à morte e, especialmente, no que diz respeito ao corpo do morto, com o intuito de evitar doenças e a morte dos vivos<sup>18</sup>.*

O povo Kaingang tem diversos ritos ou rituais tanto para saúde, quanto para espírito e para a guerra. Especificamente com relação à saúde, que é o objeto deste estudo, há séculos existe um ritual (pajelança, xamânico) na cultura indígena Kaingang, que se revela na queima de ervas medicinais para limpeza espiritual. Esse é um dos rituais mais importantes para comunidade indígena, no qual se prevê os futuros problemas do ambiente e da saúde da comunidade, pelo líder espiritual Kaingang conhecido como Kuja.

Assim como em todos os outros aspectos da vida, as práticas curativas e os seus rituais enfatizam a relação entre opostos e o “poder dos remédios oriundos da natureza é potencializado na medida em que são usados, lado a lado, ao mesmo tempo, dois componentes diversos, um considerado Kamé, o outro, Kainru-Kré<sup>18</sup>”.

Os remédios, para serem utilizados, também necessitam passar por alguns processos, como maceração ou moedura, preferencialmente por pilões confeccionados em pedra pelo fato desse material ter longa duração e ser duro, o que impõe a compreensão dos Kaingang de que tem relação com um poder curativo ou preventivo, de maneira simbólica e novamente demonstra a relação entre os opostos, visto que a mão do pilão seria considerada Kamé, enquanto o pilão em si, Kainru-Kré<sup>18</sup>, em razão de suas respectivas formas.

Também existem os ritos de guerra, que são danças para invocar os ancestrais para obter as forças sobrenaturais e poder enfrentar seus inimigos, bem como a ritualização para o momento do Kiki, que é uma bebida que invoca parentes e amigos mortos para beber juntamente com eles. É um evento cultural primordial para que seja respeitada sua trajetória enquanto estavam lutando com e para seu povo.

Relatos de indígenas contam que quando praticavam esse ritual eram respeitadas suas marcas Kamé e Kairju e no que eram enterrados os corpos dos indígenas. Guiados pelos anciões, era consumida a bebida Kiki dentro de crânios dos indígenas para poderem ter a força deles e se sentirem mais próximos a eles.

Outra citação foi feita por indígenas em Chapecó/SC, onde revitalizaram a prática da bebida Kiki, preparando-a com mel, cachaça e ervas medicinais. O preparo perdurava por dois dias e era realizado dentro de um cocho de pinheiro araucária (*Araucaria angustifolia*) e, após, se reuniram com os Kujas, em um evento e beberam a *Kiki*.

Inúmeros documentários já foram produzidos sobre o Kiki. Por tratar-se de uma tecnologia de saúde coletiva Kaingang, o Kiki extrapola o conceito eurocentrado de Saúde Coletiva enquanto campo ou disciplina. Evidencia a potência latente nas Medicinas

Tradicional Indígenas, potência esta que poderia ser mais bem mobilizada pelo Estado quando se quer oferecer serviços de saúde para os povos originários.

Nesse sentido, o Sistema Único de Saúde (SUS) poderia aproveitar o potencial da Medicina Tradicional Kaingang como uma forma complementar de cuidados de saúde. Ao reconhecer e integrar os conhecimentos e práticas da medicina tradicional Kaingang dentro do sistema de saúde convencional, o SUS poderia promover uma abordagem mais abrangente e inclusiva à saúde, atendendo às necessidades específicas das comunidades indígenas.

### **Plantas na medicina tradicional Kaingang**

As plantas são para os indígenas, fontes de alimento, artesanato, medicação natural, limpeza corporal e respeito, além de possuírem as marcas já citadas. Com o passar do tempo, diversas plantas foram e são utilizadas como fonte de alimento e como medicação natural, mas a que mais chama atenção é a variedade da família das solanáceas, a *Solanum americanum* e a *Solanum nigrum*, plantas muito consumidas no dia a dia das famílias Kaingang de Irai/RS.

Essa planta é muito consumida e conhecida como planta para alimentação do povo, mas também chamada por não indígenas como PANCS – planta alimentícia não convencional –, utilizada em outros lugares com seus frutos maduros como corantes naturais de bolos e doces.

Para agronomia é considerada como praga de lavouras, sendo utilizados agrotóxicos para sua destruição<sup>10</sup>. No entanto, um dos problemas que essa visão de que as *Solanum* são ervas daninhas e a utilização dos agrotóxicos traz, é que muitas das vezes esta planta é a única fonte de alimentação dos Kaingang.

O fato de se tratar de fonte de alimentação, faz com que as Kofas vão em busca dessas solanáceas para coleta em localidades onde elas já podem estar. Após, fazer a limpeza, aferventam como ensopado e podem sofrer a contaminação sem nem saber, por meio da alimentação da família, especialmente porque os agrotóxicos podem ser potencializados pelo aquecimento.

Em uma pesquisa de campo ocorrida em 2020, para fins de apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso junto à Universidade Federal de Santa Catarina, Sandra de Paula descreve a forma de preparação da Fuvá e sua utilidade:

*Modo de utilizar: colhemos o caule e as folhas mais novas, antes de ela florescer, colocamos na água quente e deixamos cozinhar. Depois tempera com banha de porco, pode também pôr no meio do feijão temperado. Para acompanhamento: farinha totor (farinha de milho torrada) ou ãmĩ (bolo na cinza). Sua raiz serve para fazer chá e previne várias doenças, como problemas urinários e corrimento de mulher<sup>14</sup>.*

Há, ainda, algumas preocupações no que tange ao cultivo das *Solanum*, pois o solo precisa ser arado, o que facilita a radiação solar e, por se tratar de uma planta fotoblástica, apresenta sensibilidade à luz. Não obstante, por outro lado, a radiação solar é útil para a quebra da dormência e para que passe pelo trato gastrointestinal natural do pássaro, o que pode facilitar, em alguma medida, a sua produção.

O uso da planta é uma prática profundamente enraizada na cultura ancestral das comunidades indígenas, transmitida ao longo de gerações. Esse conhecimento é passado de mãe para filha e de avó para neta, representando um vínculo intergeracional valioso. As anciãs desempenham um papel fundamental nesse processo, guiando suas descendentes na coleta e no uso das plantas medicinais. Essas expedições de coleta não são apenas uma atividade prática, mas também um momento sagrado de conexão com a natureza e com os ensinamentos ancestrais.

É importante ressaltar que essas atividades de coleta não se limitam apenas à obtenção de plantas medicinais, mas também servem como uma oportunidade para as mulheres indígenas se reunirem, conversarem e compartilharem suas experiências. É um momento de fortalecimento dos laços familiares e comunitários, onde as mulheres têm a chance de ter seu próprio tempo, longe das demandas diárias.

Além disso, essas expedições de coleta respeitam as particularidades próprias das mulheres indígenas, reconhecendo e valorizando seus conhecimentos e papéis na sociedade. É um espaço onde as mulheres têm voz e autonomia, contribuindo para a preservação e revitalização da cultura indígena.

Por fim, é preciso ressaltar que embora o conhecimento sobre esta planta para alimentação seja, de certa forma, bem abrangente, a sua utilização para fins medicinais é pouco conhecida pelos Kaingang de Iraí/RS. Poucos são os relatos de pessoas que já as utilizaram como erva medicinal, mas quando utilizada, teve efeitos muito positivos em feridas e úlceras, cientes de que a planta tem princípios ativos como efeitos de fungicidas e sedação por ser também antioxidante, como comumente se sabe em nossa cultura.

Esta autoetnografia teve o intuito de ressaltar a necessidade de refletirmos enquanto comunidade sobre a revitalização do uso da Fuvá para a saúde. É essencial reconhecermos e valorizarmos os conhecimentos tradicionais sobre as propriedades medicinais dessa planta e explorarmos seu potencial terapêutico para promover o bem-estar e a cura dentro da nossa comunidade Kaingang.

Ao revitalizarmos o uso da Fuvá, não apenas honramos nossas tradições ancestrais, mas também fortalecemos nossa autonomia e resiliência em relação à saúde e ao cuidado comunitário. Este estudo é um chamado para que busquemos ativamente resgatar e preservar esse conhecimento valioso, garantindo assim o bem-estar e a saúde de nossa comunidade, em harmonia com nossa cultura e identidade.



### **Elementos de cura na medicina tradicional Kaingang - “kanhgág ag vánhkagta”**

As experiências e conhecimentos em saúde do povo indígena em questão revelam que suas raízes e cultura continuam sendo preservadas por meio das práticas realizadas. Mesmo com o uso contemporâneo de formas medicamentosas, incluindo aquelas industrializadas, observa-se que a prática medicinal tradicional, baseada no uso de ervas, derivada dos povos originários, ainda se mantém forte. Isso é evidenciado pelo uso generalizado de medicamentos fitoterápicos, demonstrando a resiliência e a relevância contínua dessas práticas na comunidade.

De acordo com SILVA<sup>18</sup>, as práticas curativas enfatizam as relações entre opostos, marcando, mais uma vez, o que o discurso Kaingang evidencia continuamente: a fertilidade (e eficiência) simbólica da junção de princípios contrários. O poder dos remédios oriundos da natureza é potencializado na medida em que são usados, lado a lado, ao mesmo tempo, dois componentes diversos, um considerado *Kamé*, o outro, *Kainru-Kré*.

Para fins de esclarecimento, importa ressaltar que a metade *Kamé* remete aos raios do sol, registrados por meio de linhas. Já a metade *Kainru* remete à lua, representada por formas redondas. A relação entre as metades exogâmicas baseia-se na dualidade e na complementaridade entre elas, ou seja, uma engloba a outra<sup>22</sup>.

#### *Plantas de cura Kaingang - “Kanhgág ag Vánhkagta ty Vánhkygtãg Fã”*

A farmacologia na medicina convencional é uma área de estudo estabelecida há muitos anos, compreendendo a estrutura química, molecular e os possíveis receptores dos medicamentos. Paralelamente, há também uma classificação farmacológica tradicional desenvolvida pelos *Kujas*. Em relação a este aspecto:

*A classificação das plantas-remédio (Vánhkagta) está agregado à classificação das doenças (Výnhkaga). Os remédios são indicados dependendo da origem ou combinação das plantas/remédios. O conceito de remédio (Vánhkagta) se aplica tanto a remédio quanto a veneno, ou seja, se refere a qualquer substância que tenha efeito no organismo, independentemente de seu resultado. Assim qualquer planta pode ser Vánhkagta, mas há uma distinção quanto à qualidade de nosso tempo. Ou seja, alguns anos atrás não era possível comprar remédio para tratar as doenças, pois eram utilizados só as ervas medicinais<sup>5</sup>.*

As particularidades da relação entre as plantas medicinais e a comunidade indígena Kaingang de Iraí/RS remontam aos primórdios de sua história. Desde tempos imemoriais, essas plantas têm sido fundamentais não apenas como fonte de medicação, mas também como instrumento de purificação espiritual. Um exemplo emblemático desse uso é a prática de queimar ervas medicinais pelos *Kujas*, líderes espirituais da comunidade. Esse ritual não

apenas tem implicações terapêuticas, mas também transcende o aspecto físico da cura, atuando no âmbito espiritual e emocional dos indivíduos.

A queima de ervas medicinais pelos *Kujas* é um ato cerimonial carregado de significados simbólicos profundos. Essas ervas são selecionadas com base em suas propriedades medicinais e espirituais, e a fumaça resultante é considerada capaz de purificar o ambiente e afastar energias negativas. Para os Kaingang, esse ritual não se limita apenas à cura física das doenças, mas também representa um momento de conexão com os ancestrais, de renovação espiritual e de fortalecimento dos laços comunitários.

Portanto, a prática ancestral de queimar ervas medicinais pelos *Kujas* é um exemplo eloquente da maneira como as plantas medicinais são intrinsecamente entrelaçadas com a cultura, a espiritualidade e o sistema de saúde tradicional dos Kaingang de Irai/RS. Essa prática exemplifica a riqueza e a complexidade das tradições indígenas relacionadas ao uso de plantas medicinais, destacando sua importância contínua na vida e na saúde dessa comunidade.

### **O impacto da Fuvá na saúde e ecologia humana do povo indígena Kaingang de Irai/RS**

A *Solanum Americanum* ou *Solanum Nigrum* é muito mais do que uma simples planta para a comunidade indígena Kaingang. Ela representa um símbolo vital de sua cultura, tradições e história, sendo considerada um patrimônio imaterial desse povo originário. Conhecida como erva moura por comunidades não indígenas e como Fuvá na língua Kaingang, essa planta não só possui valor nutricional, mas também é valorizada por suas propriedades medicinais. Presente em diversos aspectos da vida cotidiana das famílias indígenas, a Fuvá desempenha um papel fundamental na identidade e no bem-estar dessa comunidade.

Diversos são os momentos de ensinamento, vivência e cuidado que podem ser descritos através do conceito de um tripé: Planta-Kaingang-Saúde. Nesse contexto, a planta desempenha um papel crucial, não apenas alimentando e promovendo a saúde do povo Kaingang, mas também atuando como elemento de cura e representando a força de sua identidade cultural. No âmbito da saúde, bem-estar e ambiência, essa abordagem incorpora uma visão integral que reconhece a interconexão entre o corpo, a alma e a cultura, destacando a importância de uma abordagem holística para o cuidado da comunidade indígena.

As práticas culturais, intrinsecamente ligadas à vivência dos indígenas e à transmissão de seus conhecimentos, permeiam desde a coleta até o preparo da planta para consumo ou uso medicinal. Essa coleta ocorre em uma variedade de locais, como margens de rios, lavouras e campos, refletindo nossa profunda conexão com a mãe terra.

As anciãs e mulheres mais jovens coletam e selecionam as folhas e caules mais novos em momentos de educação ativa. Depois, seguem-se muitos encontros já em suas casas, quando as mulheres conversam, contam histórias, riem, passam seus conhecimentos e preparam a Fuvá. Esse conhecimento, passado de geração a geração, é fundamental quando demonstrado, ou melhor, quando perguntado aos originários, sobre o que compreendem sobre a Fuvá, descrevem o sabor e grau de saciedade por planta comestível, muitas das vezes é a única refeição do dia, além de ser uma planta medicinal.

Em forma de ensopado, a Fuvá muitas vezes substitui carboidratos e proteínas, sendo em certas épocas do ano a única fonte de alimento desse povo e seus frutos também são comestíveis e doces, quando maduros. Veja-se a imagem da planta em questão:

**Figura 4.** Imagem da Fuvá.



Fonte: Valter dos Santos (2019)

Além de alimento, a Fuvá tem vários outros significados para a população aqui estudada: como planta medicinal, é conhecida como vermífugo natural, laxante, anti-inflamatório e indicada no tratamento de articulações, psoríase, eczemas e, principalmente, para uso em feridas e úlceras. O Kaingang Ademir (Terra Indígena Iraí/RS) relata em sua fala:

*Sim, ele é remédio medicinal tanto para comer ou como remédio do mato, se não ingerir. É remédio bom para o estômago, rins e tira tudo que há de ruim no estômago e no corpo, tipo um anti-inflamatório. Ou chá com água, ou macera com a mão e coloca no corte, mas deve ser bem verde e com o caldo dá um banho no local. Tem um ponto que é bom no fígado para limpeza do corpo, mas muitos não acreditam, ingerindo para comer ou para remédio das feridas de fora do corpo. (dito em Kaingang, tradução nossa).*

Denota-se do trecho acima, assim como já exposto no desenvolvimento deste trabalho até o momento, que a planta em questão tem um lugar de relevo na comunidade indígena Kaingang de Iraí/RS, utilizada em vários aspectos e para diversas finalidades.

### ***Solanum Americanum* como uma planta PANC, seu grau de macronutrientes e sua função farmacológica**

As PANCs – plantas alimentícias não tradicionais – estão entre as fontes de alimentos que se desenvolvem em ambientes naturais sem a necessidade de insumos e da derrubada de novas áreas e, embora, não aparentemente comestíveis, escondem um universo de possibilidades e alto teor de macronutrientes. São consideradas, em razão disso, benéficas ao meio ambiente e sua utilização vem sendo cada vez mais estimulada, embora não possuam cadeia produtiva estabelecida.

Em 2022, o Ministério da Saúde publicou um pequeno texto a respeito das PANCs, ressaltando que essas plantas são muito nutritivas, apesar de não serem consideradas por boa parte da população como opções culinárias, ressaltando sua importância para o resgate de aspectos culturais:

*Isso porque as PANCs possuem essa aparência de ervas daninhas, mas guardam alto teor de nutrientes e podem ser fonte de renda para produtores, principalmente da agricultura familiar e são bons exemplos de alimento in natura. Somado aos benefícios para a saúde, essas plantas também possuem baixo impacto ambiental. Normalmente, elas possuem um crescimento espontâneo, exigem um cultivo simples, além de serem facilmente adaptáveis a diferentes ambientes. Todos esses fatores influenciam no baixo impacto ambiental. Isso sem falar que, no passado, essas plantas faziam parte da cultura e alimentação local. Sendo assim, seu consumo também é um resgate de costumes regionais. Por esse motivo, são consideradas ambiental e culturalmente responsáveis<sup>13</sup>.*

O pinhão (*Araucaria angustifolia*), muito popular na região Sul do Brasil, fazia parte da base alimentar dos indígenas Kaingang e Guarani, além de palmito e várias frutas do mato, tais como a jabuticaba, guabiroba, pitanga, guamirim, ariticum, entre outras, bem como verduras como o broto de abóbora, broto de bromélia, o fuvá, conhecido popularmente como “erva moura” (*Solanum nigrum*) e outras, todas conhecidas como PANC.

**Figura 5.** Tabela comparativa entre soja e fuvá.

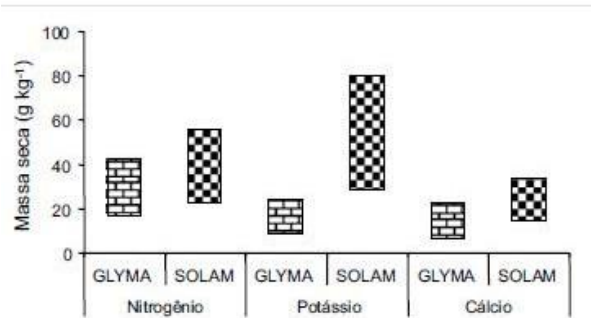


Figura 2 - Amplitude do teor total de nitrogênio, potássio e cálcio nas plantas de soja e *Solanum americanum* quando cultivadas em substrato de areia e irrigadas com solução nutritiva. Jaboticabal-SP, 2003.

Fonte: Bressan et. al. (2011)

Na imagem acima, podemos ver a comparação entre uma planta de soja - *Glycini Max* e erva moura - *Solanum Americanum*, podemos identificar quantidade de macronutrientes como Nitrogênio (N), Potássio (P) e Cálcio (Ca). Podemos então afirmar que tem muitos nutrientes fundamentais a saúde não só dos indígenas, mas sim podendo ser usada na dieta das pessoas no geral.

O alcaloide solanina foi detectado em sementes examinadas na Europa. Na China, as folhas, caule e raízes são aplicadas em feridas e feridas, e, novamente, o broto jovem, como o espinafre, é considerado tônico. Na Índia, as bagas e o suco são medicinais e a planta é considerada benéfica quando tomada como espinafre. Aparentemente, sua ação é laxante e diurética (MULYANTO et al. 2010).

Já na Guatemala, a *Solanum Americanum* é uma das espécies mais proeminentes usadas para tratar a diabetes tipo 2, como os compostos antidiabéticos e antioxidantes de fontes naturais. Um extrato de acetato de etila desta erva medicinal foi investigado usando o perfil duplo de inibição de eliminação de  $\alpha$ -glicosidase/radical de alta resolução e o artigo de segundo EL Silva et al. (2017)/Fitoterapia 118 (2017) 42–48, em seu artigo elucida a estrutural de constituintes bioativos levando à identificação de ácidos e alcalóides onde correlacionaram-se com a atividade inibidora de  $\alpha$ -glicosidase, bem como com a atividade de eliminação de radicais.

Apesar de seus benefícios, um aspecto preocupante é o fato de que a planta *Solanum Americanum* é colhida em áreas próximas a estradas ou plantações de não indígenas. Isso ocorre porque essa planta é fotoblástica, ou seja, requer a exposição ao sol para germinar, o que ocorre quando o solo é revolvido, quebrando a dormência das sementes e permitindo o surgimento das plântulas.

Ocorre que a referida planta é considerada erva daninha ou invasora em plantações no geral e os agrotóxicos são frequentemente utilizados para controlar seu crescimento.

Durante os períodos de colheita, desconhecendo os indígenas o fato de que as plantas podem estar contaminadas por agrotóxicos, acabam coletando-a para o uso recorrente que realizam dela, para tratamentos de saúde e alimentação, o que pode representar um risco para a saúde das famílias indígenas, uma vez que o consumo dessa planta é parte importante de sua cultura alimentar, especialmente para o *Nãn Ga*, razão pela qual é necessário uma maior conscientização sobre seu uso, evitando os riscos para a saúde dos indígenas que inserem essa planta como parte fundamental de sua dieta.

### **Medicina tradicional e espiritualidade Kaingang - “kanhgág ta nén ũ tãn ki vãnhkygtäg”**

A espiritualidade é algo de fundamental importância para a etnia, pois seus deuses *Tón* são as forças oriundas da mata, localizados em detalhes como espíritos das folhas para chás, cascas, além de raízes. Outros deuses são os rios, onde fazem a limpeza profunda da alma em águas correntes para retirar as cargas negativas, além de trazer alimento como peixes e ser uma forma de canção com o som das águas na força física sobre as pedras.

Ainda, tem-se a força maior como a terra (*Ga*), que é o local de enterro dos seus anciões sendo assim, um dos mais sagrados, além das cargas com a simbologia do céu (sol e lua), algo tão importante pois está acima e fortalece com os primeiros raios do sol.

Para a comunidade indígena, a saúde é compreendida de forma holística, não se limitando apenas ao uso de medicamentos ou a atendimentos pontuais. Ela enxerga a totalidade, incluindo seu ambiente local, a floresta e seu entorno, reconhecendo a importância de todos os elementos em sua saúde e bem-estar.

Desde práticas como o passar das pedras no rosto até o uso de folhas de caeté ao amanhecer, cada aspecto é valorizado como parte integrante de um sistema de cuidado abrangente. Essa visão integrada é ilustrada pela imagem da referida folha, que representa não apenas um recurso medicinal, mas também um símbolo da conexão profunda entre o povo indígena e sua terra.

**Figura 6.** Imagem da folha de Caeté.



*Foto: Folhas da planta Caité – Terra Indígena Kaingang de Irai/RS (SANTOS, Valter. 2021)*

Fonte: Valter dos Santos (2021)

A respeito do impacto das plantas na espiritualidade e na medicina da comunidade, menciona o Kaingang Emílio a rotina envolvida na coleta e uso das plantas:

*É preciso ir colher as plantas ao amanhecer, nos primeiros raios do sol ou ao entardecer, porque elas são mais fortes e curam. Antes da colheita, no entanto, deve pedir aos Kofas (anciões ou espíritos) para a coleta e uso das plantas. As plantas e árvores devem ser identificadas com suas marcas (comprida ou redonda), chamado de Kame e Kairju, pois tudo envolve nas misturas e preparo para aquela pessoa com tal marca familiar.*

Essa fala ressalta a importância do momento certo para a colheita das plantas medicinais, destacando a crença na sua maior eficácia ao amanhecer ou ao entardecer. Além disso, ela enfatiza a necessidade de respeitar e buscar a orientação dos *Kofas*, que são os anciãos ou espíritos da comunidade, antes de realizar a coleta e o uso das plantas. É mencionada também a importância de identificar as plantas e árvores por meio das marcas *Kamé* e *Kairju*, que estão relacionadas às características familiares, evidenciando a profundidade dos conhecimentos tradicionais e a conexão entre as práticas de cura e a herança cultural.

### **Problemática medicamentosa na comunidade local**

O histórico da saúde pública dentro das comunidades é uma luta de várias lideranças que se consolidaram desde os tempos da SPI - Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967),

o que ocorreu durante a Ditadura Militar<sup>15</sup>. Essas lideranças defenderam que o termo "índio" deve deixar de ser utilizado, sendo o mais correto utilizar os termos indígena ou originário.

Posteriormente, foi fundada a Funasa - Fundação Nacional da Saúde (1991), onde se iniciou as políticas voltadas à saúde indígena. Somente em 1999, no entanto, com a entrada em vigor da Lei nº 9.836/1999 é que se criou um subsistema da saúde indígena vinculado ao SUS - Sistema Único de Saúde, para um atendimento melhor e mais especializado, bem como para atenção básica específica aos originários, razão pela qual criou-se a SESAI - Secretaria Especial de Saúde Indígena (2010).

As políticas públicas em saúde, as ações em saúde e outros projetos são fundamentais, devendo ser objetivos e farmacológicos, mas sem deixar de observar as necessidades e particularidades de cada comunidade indígena, bem como seus costumes e os medicamentos naturais utilizados, que são de fácil acesso e eficientes.

É preciso ter em mente que os hábitos e costumes das comunidades indígenas não podem ser ignorados ou deixados de lado e, sim, incentivados e valorizados. A equipe de saúde que atende essas comunidades deve não só estar habituada aos costumes tradicionais da pajelança e os ritos indígenas, como também não devem confrontar a comunidade, dialogando com as autoridades e lideranças indígenas, educadores escolares, autoridades religiosas e demais indivíduos, a fim de que haja também um envolvimento produtivo e que impacte positivamente aquela comunidade e futuras gerações, respeitando o tripé proposto neste trabalho, que corresponde a Planta-Kaingang-Saúde.

A relação médico-paciente deve ser diferenciada, pois deve levar em consideração os aspectos já citados no tripé, a fim de medicar com uma educação em saúde. Isso porque, muitas vezes, o despreparo da equipe de saúde com relação aos costumes e elementos culturais, acaba trazendo o tratamento medicamentoso moderno como uma imposição, razão pela qual pode não ser efetivo, já que há uma ausência de explicação sobre o tratamento ou o problema de uso interrompido. Tal situação, faz com que os indígenas abandonem o tratamento, levando-os a desacreditar da medicina moderna e fazendo aumentar as doenças.

A principal forma de se iniciar uma educação em saúde, seria a realização de reuniões com as diversas lideranças indígenas e as equipes de saúde, bem como com as autoridades públicas, a fim de que fique claro as necessidades e eventuais soluções para os problemas apresentados.

O Kaingang vê a saúde em sua ambiência, evitando locais tóxicos e poluentes e, quando em contato com tais locais, ficam doentes, o que é bem comum na contemporaneidade, com rios poluídos e sem peixes, barragens onde mudam a profundidade (assoreamento), plantas intoxicadas por agrotóxicos, como é o caso da Fuvá, considerada em diversos livros e artigos como pragas de lavouras ou planta daninha.



A falta de uma educação em saúde e agrícola, é um fator de preocupação, principalmente com relação ao consumo e utilização medicinal da Fuvá, considerada como erva daninha, pois o uso de agrotóxicos para seu combate contamina as plantas, que são coletadas pelas mulheres indígenas e acabam sendo consumidas nas comunidades.

Ciente dessas problemáticas e críticas à forma do atendimento das equipes de saúde nas comunidades indígenas, debruça-se sobre o estudo dos impactos da planta na comunidade Kaingang de Irai/RS, abordando as questões culturais e de saúde que envolvem o consumo da planta, correlacionando-a ao tripé Planta-Kaingang-Saúde.

A saúde indígena não está presa a um formato sistemático ou concretizado com demandas farmacológicas, mas sim num amplo cuidado desde sua saúde com ervas medicinais, banhos e cuidado espiritual.

Embora a integração da Medicina Tradicional Kaingang no Sistema Único de Saúde (SUS) represente um passo importante para promover a equidade e a inclusão nas políticas de saúde, é essencial reconhecer que o racismo institucional e estrutural ainda persiste na medicina e em sua relação com as pessoas indígenas.

O racismo institucional se manifesta em políticas, práticas e estruturas que perpetuam a desigualdade com base na origem étnico-racial, resultando em acesso desigual aos serviços de saúde e discriminação no atendimento. Além disso, o racismo estrutural influencia a produção e aplicação do conhecimento médico, levando à desvalorização dos sistemas de saúde indígenas e à imposição de práticas médicas que não levam em consideração as crenças e valores das comunidades indígenas.

## **DISCUSSÃO**

Este artigo científico busca analisar, por meio da autoetnografia, os usos nutricionais e terapêuticos da planta Fuvá na culinária e na Medicina Tradicional dos indígenas Kaingang na região norte do Rio Grande do Sul. Para isso, o estudo aborda diversas dimensões da relação dos Kaingang com essa planta, começando pela descrição de sua cosmogonia acerca da saúde.

A cosmogonia Kaingang revela uma visão holística da saúde, que integra aspectos físicos, espirituais e sociais. Essa perspectiva destaca a importância das plantas medicinais e dos alimentos naturais como elementos fundamentais para o bem-estar da comunidade. A Fuvá, em particular, ocupa um lugar de destaque tanto na culinária quanto na medicina tradicional Kaingang, refletindo sua importância cultural e nutricional.

Na culinária dos Kaingang, a Fuvá é utilizada em diversos pratos, valorizada por seus altos valores nutricionais. Além de fornecer nutrientes essenciais, a planta também desempenha um papel simbólico, sendo associada a rituais e práticas culturais que

reforçam a identidade e a coesão da comunidade. O uso da Fuvá na alimentação diária dos Kaingang não só nutre o corpo, mas também fortalece os laços culturais e familiares.

As implicações socioambientais do uso da Fuvá são profundas. A planta contribui para a biodiversidade local e é manejada de forma sustentável pelos Kaingang, que possuem um conhecimento profundo das práticas agrícolas que preservam o meio ambiente. No entanto, o uso da Fuvá também afeta as dinâmicas sociais da comunidade, promovendo práticas de cooperação e troca de conhecimentos entre gerações.

Os indígenas Kaingang têm percepções e conhecimentos detalhados sobre a sustentabilidade da Fuvá. Eles reconhecem a planta como um recurso vital para a segurança alimentar e a preservação ambiental. Esse conhecimento tradicional é transmitido através de gerações e é fundamental para a manutenção das práticas de manejo sustentável que garantem a continuidade da Fuvá.

Contudo, os Kaingang enfrentam vários desafios na preservação da Fuvá. Entre esses desafios, destacam-se os aspectos legais, culturais e ambientais. A legislação muitas vezes não reconhece plenamente os direitos dos indígenas sobre seus recursos tradicionais, e as pressões externas, como o desmatamento e a degradação ambiental, ameaçam a sustentabilidade da Fuvá. Além disso, a crescente influência de culturas externas e a modernização podem levar à perda de conhecimentos tradicionais.

Este estudo, ao descrever e analisar essas diversas dimensões, busca contribuir para a valorização e preservação dos conhecimentos tradicionais dos Kaingang, promovendo uma compreensão mais profunda da importância da Fuvá para essa comunidade e para a biodiversidade local.

## **CONCLUSÃO**

O conhecimento informal e não científico, derivado de aspectos culturais e envolto nas ritualísticas próprias das comunidades indígenas, por muito tempo, foi relegado a um espaço de desvalorização e, até mesmo, considerado como ignorância pela sociedade.

Recentemente, no entanto, diante do sistema de cotas, as oportunidades para os indígenas frequentarem universidades e se especializarem nas mais diversas áreas, além dos órgãos governamentais fundados com o intuito de proteger e valorizar os povos originários, vem transmudando essa realidade aos poucos e colocando em evidência as necessidades dessas comunidades (CARDOSO, 2020, p. 9-14).

Para além disso, a visibilidade dos povos originários e seus elementos de saúde e cuidado, que é o foco do presente trabalho, traz à lume importante aspectos do seu conhecimento medicinal e o uso de ervas, que já vem sendo praticado com os medicamentos fitoterápicos pela sociedade (não-indígenas), por exemplo.

No entanto, o caminho a percorrer ainda é longo, considerando que há uma ausência de diálogo entre lideranças indígenas, equipes de saúde e autoridades governamentais, o que dificulta tratamento, políticas públicas eficientes e preservação cultural. Nesse contexto, toma evidência as hipóteses a que o presente trabalho se dedica.

O recorte proposto se refere ao uso alimentar e de saúde da planta *Solanum Americanum* e a *Solanum Nigrum*, conhecida popularmente pela comunidade indígena Kaingang de Iraí/RS como Fuvá e investigou o uso e importância da referida planta, dando cientificidade ao conhecimento cultural e informal.

Para além disso, a abordagem desse conhecimento e uso da planta em referência será realizada com base no tripé Planta-Kaingang-Saúde, com o objetivo de que, no futuro, a perspectiva da saúde indígena seja mais humanizada e valorizada, possibilitando a adoção de políticas públicas e ações que conversem com a cientificidade dos tratamentos médicos e com elementos culturais, que devem ser respeitados, mediante discussão horizontal entre lideranças indígenas, equipes de saúde, equipes multidisciplinares, educadores, órgãos públicos, autoridades políticas e líderes religiosos, visando a melhoria da saúde da população indígena Kaingang.

Além desses pontos, é crucial abordar a questão do acesso à saúde para as comunidades indígenas e os desafios enfrentados nesse sentido. Muitas vezes, essas comunidades enfrentam barreiras significativas no acesso a serviços de saúde adequados, como a falta de infraestrutura, a distância geográfica, a escassez de profissionais capacitados e a falta de compreensão cultural por parte dos sistemas de saúde convencionais. Essas barreiras contribuem para disparidades de saúde alarmantes entre populações indígenas e não indígenas.

Além disso, é importante destacar o problema da excessiva medicalização, que pode resultar em epistemicídios, ou seja, a destruição dos conhecimentos e saberes tradicionais das comunidades indígenas. A imposição de abordagens médicas ocidentais sem considerar as práticas e conhecimentos tradicionais pode levar à perda da autonomia das comunidades indígenas sobre sua própria saúde e bem-estar. Isso não apenas compromete a eficácia dos cuidados de saúde, mas também ameaça a identidade cultural e a sabedoria ancestral dessas comunidades.

Portanto, é essencial promover abordagens de saúde que respeitem e valorizem os conhecimentos e práticas tradicionais das comunidades indígenas, reconhecendo sua expertise e contribuição para a saúde global. Isso inclui a criação de políticas de saúde que sejam culturalmente sensíveis, a formação de profissionais de saúde capacitados em interculturalidade e a garantia de que as comunidades indígenas tenham voz e participação ativa no planejamento e implementação de programas de saúde que afetam suas vidas.

## CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Válter dos Santos e Marcos Alexandre Malheiros Sales participaram da concepção do estudo, da coleta, análise e interpretação dos dados, da discussão dos resultados e da redação do conteúdo. João Matheus Acosta Dallmann contribuiu com a redação, revisão crítica do conteúdo e aprovação da versão final do trabalho.

## CONFLITO DE INTERESSES

Declaramos não haver conflito de interesses.

## FINANCIAMENTO

Declaramos não haver financiamento.

## REFERÊNCIAS

- <sup>1</sup> Alvim NA, et al. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais da sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. Rev Latino-Am Enferm. 2006 May-Jun;14(3). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/hDwxtF4BnxtCZx7Pg6xz85k/?lang=pt#ModalTutors>. Acesso em: 30 ago. de 2023.
- <sup>2</sup> Barros KFG, Neu V, Rocha CC. Etnoconhecimento utilizado pelos índios Kaingang da região sul do Brasil. In: Anais do 9º Seminário Anual de Iniciação Científica. Belém: Universidade Federal Rural da Amazônia; 2011.
- <sup>3</sup> Brasil. Fundação Nacional de Saúde. Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2002. 40 p. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica\\_saude\\_indigena.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_saude_indigena.pdf). Acesso em: 15 de nov. de 2022.
- <sup>4</sup> Brasil. Ministério da Agricultura. Serviço de Proteção aos Índios. SPI/1953. Relatório das atividades do Serviço de Proteção aos Índios durante o ano de 1953. Rio de Janeiro: Serviço de Proteção aos Índios; 1953.
- <sup>5</sup> Cadete D. Ervas Mediciniais no Ensino de Ciências: Saberes Indígenas Kaingang. Erechim, Rio Grande do Sul. 2019. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso Interdisciplinar em Educação do Campo Ciências da Natureza. Universidade Federal da Fronteira Sul. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3188/1/CADETE.pdf>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.
- <sup>6</sup> Cardoso RER. Os “Por quês” das Cotas Indígenas no Acesso ao Ensino Superior. Rev Encant Educ Cult Soc. 2020 Jan-Dec;2:01-15.
- <sup>7</sup> Carvalho RN. Kanhgang Êg My Há: para uma psicologia Kaingang. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2020. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de

Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/212727>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.

<sup>8</sup> Freitas AE de C, Rokág F dos S. O kujà e o sistema de medicina tradicional kaingang – “por uma política do respeito”. Editora da UFPEL, Pelotas. 2007 Ago-Dez;IV(7/8):201-239. Disponível em: [https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/11/948713/o-kuja-e-o-sistema-de-medicina-tradicional-kaingang-por-uma-pol\\_8xmxCNZ.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/11/948713/o-kuja-e-o-sistema-de-medicina-tradicional-kaingang-por-uma-pol_8xmxCNZ.pdf). Acesso em: 15 de nov. de 2022.

<sup>9</sup> Kappaun IJ, Frantz L. Kamé e Kairu: concepções cosmológicas na educação básica para o estudo do grafismo Kaingang. In: Almeida FA de, editor. Políticas Públicas, Educação e Diversidade: uma compreensão científica do real - Volume 2. Guarujá, São Paulo: Científica Digital; 2021. p. 261-271.

<sup>10</sup> Lima RA, Santos MR dos, Smozinski CV, editores. Flora de Rondônia, Brasil: Solanum L. (Solanaceae). Porto Velho: Edufro; 2014.

<sup>11</sup> Mapa de Iraí/RS [Internet]. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-27.1930902,-53.2439948,3752m/data=!3m1!1e3?authuser=0&entry=ttu>. Acesso em: 29 maio 2023.

<sup>12</sup> Mendes I. O Uso das Ervas Medicinais na Atualidade Kaingang da Terra Indígena de Xapecó, Santa Catarina, Brasil [Trabalho de Conclusão de Curso]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2015. 35f. Disponível em: <https://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/04/lvania-Mendes.pdf#>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.

<sup>13</sup> Ministério da Saúde. Você sabe o que são PANCs? Descubra as plantinhas que também são alimentos e você não sabia [Internet]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-quer-me-alimentar-melhor/noticias/2022/voce-sabe-o-que-sao-pancs-descubra-as-plantinhas-que-tambem-sao-alimentos-e-voce-nao-sabia>. Acesso em: 04 maio 2024.

<sup>14</sup> Paula S de. Alimentação Tradicional Kaingang: plantas que alimentam, ervas que curam [Trabalho de Conclusão de Curso]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2020. 81f. Disponível em: <https://saberesindigenas.paginas.ufsc.br/files/2018/06/TCC-SANDRA-DE-PAULA-1.pdf>. Acesso em: 04 maio 2024.

<sup>15</sup> Povos Indígenas do Brasil. Saúde Indígena [Internet]. 2018. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Sa%C3%BAde\\_Ind%C3%ADgena](https://pib.socioambiental.org/pt/Sa%C3%BAde_Ind%C3%ADgena). Acesso em: 31 ago. 2023.

<sup>16</sup> Serviço de Proteção aos Índios (SPI) [Internet]. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Servi%C3%A7o\\_de\\_Prote%C3%A7%C3%A3o\\_aos\\_%C3%8Dndios\\_\(SPI\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Servi%C3%A7o_de_Prote%C3%A7%C3%A3o_aos_%C3%8Dndios_(SPI)). Acesso em: 15 nov. 2022.

<sup>17</sup> Silva P da. Fotoblastismo [Internet]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/fisiologia-vegetal/fotoblastismo/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

<sup>18</sup> Silva SB da. Dualismo e cosmologia Kaingang: o xamã e o domínio da floresta. *Horiz Antropol.* 2002 Dec;8(18):189-209. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/YPFRvPpqtFFpGT9pNqttMm/?lang=pt#>. Acesso em: 15 nov. 2022.

<sup>19</sup> Terras indígenas no Brasil [Internet]. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3713#demografia>. Acesso em: 15 nov. 2022.

<sup>20</sup> Veiga J. *Cosmologia e práticas rituais Kaingang* [Tese de Doutorado]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; 2000. 367f. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.cpei.ifch.unicamp.br/pf-cpei/%20/VeigaJuracilda.PDF>. Acesso em: 15 nov. 2022.

<sup>21</sup> Veiga J. *Organização social e cosmovisão Kaingang: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê meridional* [Dissertação de Mestrado]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas; 1994. 226f.

<sup>22</sup> Veiga J. *Metades Clônicas* [Internet]. Portal Kaingang; 2006. Disponível em: [http://www.portalkaingang.org/index\\_cultura\\_2\\_1.htm](http://www.portalkaingang.org/index_cultura_2_1.htm). Acesso em: 31 ago. 2024.

## ANEXO A – REGRAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA

A integralidade das regras de publicação pode ser consultada no seguinte sítio eletrônico: <<https://www.scielo.br/journal/rbem/about/#about>>.

Abaixo, o resumo das regras aplicadas no presente trabalho, na modalidade de artigo original:

**Artigo original:** artigos resultantes de pesquisas originais teóricas ou empíricas (até 5 mil palavras).

Estrutura do manuscrito:

- TÍTULO
- RESUMO (Seções: Introdução, Objetivo, Método, Resultado, Conclusão)
- PALAVRAS-CHAVE
- INTRODUÇÃO
- MÉTODO
- RESULTADOS
- DISCUSSÃO
- CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS
- REFERÊNCIAS

[...] **A contagem de palavras começa a partir da Introdução e exclui as referências. Independente da categoria, não inclui resumo/abstract, elementos figurativos, e referências bibliográficas.**

### Formato e preparação do manuscrito

#### Formato

Arquivo: Word, papel A4 (21 cm x 29,7 cm ou 8,3" x 11,7").

Letra: Padrão Arial 11, espaço 1,5 e margens de 2,0 cm ou 0,79" (direita, esquerda, superior e inferior).

Alinhamento: Justificado.

Parágrafos: Devem estar com recuo de 1 cm.

Títulos de seções: Colocar 1 espaço de 1,5 entre o texto do tópico anterior e o título do subsequente. Devem estar em negrito e em caixa alta.

Subtítulos: Colocar 1 espaço de 1,5 o texto do tópico anterior e o título do subsequente. Devem estar em negrito e apenas a primeira letra em maiúsculo.

Sub-subtítulos: Colocar 1 espaço de 1,5 entre o texto do tópico anterior e o título do subsequente. Devem estar em negrito, apenas a primeira letra em

maiúsculo e em itálico.

Sub-sub-subtítulos: Colocar 1 espaço de 1,5 entre o texto do tópico anterior e o título do subsequente. Devem estar em negrito, apenas a primeira letra em maiúsculo, em itálico e sublinhado.

Citação até 3 linhas: Deve ser inserida no texto e estar entre aspas.

Citação com mais de 3 linhas: Deve constituir um parágrafo distinto, com recuo de 4 cm da margem esquerda, espaçamento simples, em itálico e com fonte 10.

Citação direta no corpo do artigo: Mais de 1 autor, citar o primeiro e depois adicionar et al.

Referências no corpo do artigo: Devem estar em sobrescrito, sem parênteses, antes da pontuação e sem espaço entre a palavra, o número e a pontuação (exemplos: educação médica<sup>1</sup>. educação médica<sup>1,2</sup>. educação médica<sup>1-4</sup>. educação médica<sup>1,5,8-11</sup>).

Notas de rodapé: Não serão aceitas.

Não serão publicados anexos ou arquivos suplementares.

#### Preparação do manuscrito

**Título:** deve conter no máximo 15 palavras e ser redigido em duas versões. Uma versão em português ou espanhol, conforme o idioma do artigo, e outra obrigatoriamente em inglês.

**Resumo:** deve conter no máximo 350 palavras e ser redigido em duas versões.

Uma versão conforme o idioma do artigo e outra em inglês, para artigos em português/espanhol ou em português para artigos escritos em inglês. Deve ser texto corrido e ter as seções marcadas em negrito conforme descrito na categoria do artigo.

**Palavras-chave:** deve conter de 3 a 5 palavras extraídas dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), para resumos em português e Medical Subject Heading (MeSH), para resumos em inglês.

**Representação ilustrativa:** deve ter o título e a numeração na parte superior, a qual deve ter um ponto após (exemplo: Tabela 1. Título), e fonte na parte inferior. As abreviaturas, caso presentes, devem constar na primeira linha da parte inferior (Abreviaturas:). Os símbolos para explicações devem ser identificados com letras do alfabeto sobrescritas e explicados na parte inferior com fonte 10. O número máximo de arquivos é de 5.

Devem ser inseridas no corpo do artigo conforme instruções abaixo:

- Tabelas: devem conter apenas bordas horizontais.
- Figuras: devem ter boa resolução, no mínimo 300 DPI.
- Quadros: devem conter bordas horizontais e verticais em suas laterais e na separação das casas.
- Gráficos: devem conter a legenda.

**Referências:** a formatação segue o estilo Vancouver, conforme os *Uniform*



*Requirements for Manuscripts submitted to Biomedical Journals*, publicados pelo *International Committee of Medical Journal Editors (ICJME)*. As referências devem ser citadas numericamente e por ordem de aparecimento no texto. Os nomes dos periódicos devem ser abreviados de acordo com o estilo usado no *Index Medicus*.

Exemplos de referências disponíveis.

#### Número de autores

O **número máximo de autores** em todas as categorias é de seis, exceto na categoria “Posicionamentos”, cujo o número de autores será indicado pelo corpo editorial, e na categoria “Artigo original” quando o manuscrito apresentar resultados de projetos multicêntricos, quando o número de autores será de três autores por centro. Se o número de autores for superior a este, será preciso enviar uma carta com justificativa ao editor ([rbem.abem@gmail.com](mailto:rbem.abem@gmail.com)) destacando os critérios de autoria de forma individual para cada autor. Não será aceito acréscimo de autores após o aceite do artigo.